

Projeto: Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória

Instituição responsável: Nota Musical Comunicação

www.quilombosdojequitinhonha.com.br

Entrevistados: Maria Aparecida Machado Silva, José Elias Machado, Maria Ribeiro Sirina

Comunidade Córrego do Rocha, município de Chapada do Norte, Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais

Abril, 2014

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte, conforme segue, e que não seja para venda ou qualquer fim comercial:

FOGAÇA, Sérgio; SYDOW, Evanize. Agora vocês estão libertos, mas eu me criei foi como escravo – Entrevista de Maria Aparecida Machado Silva, José Elias Machado, Maria Ribeiro Sirina. *Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória*. São Paulo, Nota Musical Comunicação, 2017

Agora vocês estão libertos, mas eu me criei foi como escravo

A memória da escravidão, ou de um modo de vida escrava, ainda é latente para algumas pessoas que vivem em terras de ex-escravos. Esse é o caso de José Elias Machado, de 82 anos, que mora na comunidade Córrego do Rocha. Ele ainda lembra de seus pais contando da vida sofrida e privada de direitos. “Quando a gente não queria trabalhar, escutava do meu pai assim: ‘agora vocês estão libertos, mas eu me criei foi como escravo’. Para comer tinha que trabalhar, para receber dinheiro tinha que trabalhar, se não, ficava aí, que nem animal no campo.”

As memórias são duras, mas também contribuem para a conscientização de direitos adquiridos, como bem lembra Maria Aparecida Machado Silva. “Hoje em dia, tanto o homem como a mulher que trabalham durante um dia, fazendo qualquer serviço, ganham o mesmo valor. Antigamente, não, a mulher era obrigada a trabalhar dois dias para ganhar um dia igual do homem”, enfatiza.

Bonita é a história da mãe de dona Maria Ribeiro Sirina, parteira de mão cheia, muito requisitada pela comunidade. Foram incontáveis nascimentos de netos, parentes e amigos em toda região, e até mais longe. Chegam a contar que Rosa Sirina, era esse seu nome, chegava a fazer até três, quatro partos por dia. “Aconteceu dela ficar a noite inteira correndo de uma casa para outra fazendo parto. Tinha que ir avisando as famílias tudo que precisava fazer enquanto corria de uma casa a outra”, relata Maria Aparecida.

Maria Aparecida Machado Silva – Sou nascida e criada aqui na comunidade Córrego do Rocha, município de Chapada do Norte. Há dez anos sou líder comunitária, já estou no segundo mandato como presidente da Associação Comunitária União Quilombola da comunidade, e há três anos como presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Município de Chapada do Norte. Tenho 38 anos, três filhos e gosto muito da comunidade, a minha vida é aqui.

E o senhor?

José Elias Machado – Tenho 82 anos.

Seu José, conta aquela história da certidão de nascimento, que o senhor estava contando para gente?

José Elias – Sim. Nasci no Córrego do Atanasi, filho de Margarida e João da Rocha. Quando eles morreram, eu não tinha nada, fiquei desprezado dentro de casa, só tinha querosene e água lá dentro. Para eu me manter, meus tios davam arroz, canjiquinha e andu, mas para eu ganhar isso tinha que trabalhar de joelho. E fui crescendo assim, ganhando meu sustento, ganhando meus 100, 200 réis, quando vim para o município de Chapada, e depois ainda fui para São Paulo. Lá não deu certo e depois ainda fui para o Paraná, fiquei um tempão e foi onde melhorei a minha situação, e hoje estou nessa posição. Me casei aqui com duas irmãs, aqui nesta comunidade e estou aqui até hoje, pela glória de Deus.

O senhor casou com duas irmãs?

José Elias – Com duas irmãs, primeiro com uma, que morreu, voltei e casei com a outra.

Quantos filhos o senhor tem?

José Elias – Doze, mas tem poucos por aqui. Aqui acho que só três.

Maria Aparecida Machado Silva – Cinco filhos aqui. Maria José, Nadi, Marlene, eu...

José Elias - ... e Estela...

Maria Aparecida - ...Estela também, e Vanusa, seis.

E a senhora, como é o nome da senhora, e idade?

Maria Ribeiro Sirina – Esse é meu nome, mas sou conhecida como Lia. Tenho 68 anos, sou nascida e criada aqui. Meu pai morreu, estava com sete anos de idade, e foi minha mãe que lutou para acabar de nos criar, que éramos em quatro irmãos. Depois, uns casaram, outros morreram, agora aqui dos irmãos só tem eu.

Sua mãe, pais são todos daqui?

Maria Ribeiro – Minha mãe é de lá para os lados de Minas Novas, mas casou com meu pai que é aqui do Córrego.

Quantas famílias tem aqui?

Maria Aparecida – Que permanece mesmo aqui, se minha contagem não estiver errada, são 48 famílias.

E quantos anos tem a comunidade?

Maria Aparecida – Ah, essa informação eu não tenho.

Talvez uma idade aproximada pela idade de algum habitante?

Maria Aparecida – Ah, deve ter uns 150 anos, pela idade das pessoas que já moraram aqui. Comparando os filhos que ainda são vivos, em torno de 150 anos ou mais.

Qual a origem do nome da comunidade, Córrego do Rocha?

José Elias – É porque os mais velhos tinham a família de Rocha e Souza, e daí veio esse nome.

E o córrego é por quê?

Maria Aparecida – São duas histórias contadas. Uns falam que é pelo perfil da comunidade, já que tem muitas rochas. Inclusive, percorrendo daqui para trás, dá para ver quantas lapas infinitas tem. São rochedos que dá para ver daqui, embora por quilômetros dá para observar que é a mesma rocha. Esse é um lado da história. O outro que se conta é que a primeira família que morou aqui foi a família Ribeiro Rocha. Inclusive, a história contada é que ele é, o que mesmo da senhora, o José Ribeiro da Rocha?

Maria Ribeiro - Meu avô.

Maria Aparecida - Avô dela. Contam que são filhos dos primeiros moradores aqui da comunidade.

Quer dizer que ela é neta do primeiro morador da comunidade?

Maria Aparecida – No caso, eu sou bisneta de José Ribeiro Rocha, pelo lado da minha mãe.

Mas a mãe dela é irmã da senhora?

Maria Aparecida – Prima.

Aqui tem mistura de negro com índio?

Maria Aparecida – Não. Tem mistura de negro com pessoas de cor mais clara, que casaram ou vieram menores de outra comunidade. Mas somos total quilombola.

E essa questão do reconhecimento quilombola, esse autorreconhecimento, é recente ou vocês já conhecem há muito tempo?

Maria Aparecida – A gente já conhece há muito tempo, mas deve ter mais ou menos uns 10 ou 12 anos que nós ouvimos falar sobre o que é ser quilombola. Mas aceitação da comunidade não tem muito tempo não, tem em torno de cinco ou seis anos. Inclusive, eu acredito que ainda tem pessoas que não sabem falar com muita clareza o que é ser quilombola. Mas todos se autoidentificam.

Quando você diz que essa aceitação aconteceu há cerca de cinco ou seis anos, como aconteceu essa aceitação?

Maria Aparecida – Falo isso porque foi depois de vir algumas pessoas, igual vocês vieram. E vêm falando sobre o assunto. Isso foi despertando a curiosidade das pessoas. Através dessa junção foi que nós fomos solidificando o que é ser quilombola. Mas, contando a história de antes, a gente se identifica como quilombola desde o nascimento.

Vocês têm título?

Maria Aparecida – Ainda não, mas já estamos cientes do que nós queremos. Inclusive domingo passado fizemos uma reunião da associação. A nossa associação foi alterada para ser associação quilombola. É uma associação que foi criada em 2000, com o nome de Associação Comunitária Boa Esperança. Depois de 2009 para cá, foi feita a alteração do nome dessa associação. E com a aceitação de todos, passou a ser Associação Comunitária União Quilombola de Córrego do Rocha.

Você falou que vocês conhecem há muito tempo essa história de ser quilombola. Vocês têm histórias ou sabiam que eram descendentes de ex-escravos? Desde pequeno seus avós falavam sobre isso?

José Elias – Falavam.

E quais as histórias eles contavam?

José Elias – A história de um fazendeiro que era dono disso tudo aqui, eu me lembro, chamava-se Antônio Paulo. Fazia cerca, todo mundo era escravo. Inclusive meu pai trabalhou muito, e minha mãe também trabalhou muito levando coisas na cabeça, sendo escravo.

Com quantos anos seus pais morreram?

José Elias – Minha mãe morreu com 70 e poucos anos.

E quanto tempo faz que ela morreu?

José Elias – Não lembro.

Maria Aparecida – Acho que há uns 15 anos, eu já estava moça quando ela morreu.

Então quando o senhor fala que eles eram escravos, isso foi no começo da vida deles?

José Elias – É, no começo da vida.

Parece então que em torno de 80 anos atrás, mais ou menos?

José Elias – Acho que é isso mesmo.

Mas quando fala escravo, como é isso que o senhor está falando, como eles viviam para o senhor dizer que eles eram escravos?

José Elias – Não tinha direito de nada. O direito deles era trabalhar e pronto, para comer.

Porque nessa época os escravos já estavam libertos, teoricamente, deveriam estar. Por isso que estou perguntando para o senhor se era naquele modelo de muitos anos atrás, de 300, 200 anos atrás, ou qual a diferença de como eles viviam essa vida?

José Elias – Mas foi como eu falei para a senhora.

E o senhor lembra disso?

José Elias – Eu lembro um pouquinho. E de criança, lembro da minha mãe e meu avô falarem, o Isidoro e a Antoninha Machado.

Então os pais do senhor também viviam dessa maneira?

José Elias – Viveu, foi pouco mas viveu. E aí eles explicavam para nós, quando a gente não queria trabalhar, ele falava, “agora vocês estão libertos, mas eu me criei foi como escravo”. Para comer tinha que trabalhar, para receber dinheiro tinha que trabalhar, se não ficava aí, que nem animal no campo. Eu sempre estou nessa peleja. Quando meus netos dizem que não querem trabalhar, eu digo a eles que a gente tem que comer do suor que cai do rosto.

E esse homem, esse fazendeiro, o que aconteceu com ele?

José Elias – Ficou em nada. Quando ele morreu, não tinha nem um lenço para amarrar no queixo, a filha dele tirou da cabeça e amarrou no queixo dele, não tinha nem caixão. Aqui tem pessoas que conheceram ele um pouco, que ouviram falar, tem neto, sobrinho dele.

Falando um pouco da memória, do dia a dia da comunidade, e lembrando das festas que a comunidade sempre fez. Tem alguma festa que vocês lembram de infância que não acontece mais? Ou festa que acontece até hoje?

José Elias – Nessa época eu não lembro, mas só havia missa, festa não.

Qual a religião que as pessoas da comunidade seguem?

José Elias - Igreja Católica.

E o candomblé tem aqui?

Maria Aparecida e José Elias – Não.

E ligada à Igreja Católica, tem alguma festa que acontece todo ano?

José Elias – Tem a festa do Rosário, de Santa Cruz, de Nossa Senhora Aparecida, Bom Jesus.

E durante essas festas, que tipo de dança e música acontece?

Maria Aparecida – Acontecem os forrós e, às vezes, acontece apresentação de congada de outra comunidade. Não são em todas as festas não, mas tem “bateção” de tambores. E tem as músicas próprias das festas mesmo, em alguns trechos cantam refrões, tem a procissão. Costuma a procissão sair da casa dos festeiros e vir até a igreja, e nesse percurso as pessoas vêm cantando e dançando, batendo tambor.

Em que época acontece essa festa?

Maria Aparecida – Ela acontecia até um tempo atrás, em outubro. Só que foi sempre sendo atrasada a data por conta das imigrações. A maioria das pessoas, principalmente homens que imigram, acabam perdendo essa cultura. No momento ela estava acontecendo em dezembro, e, de três anos para cá, ela já vem acontecendo em janeiro. Porque antes do Natal os migrantes ainda não chegaram, e entre o Natal e Ano Novo fica muito apertado, muita festa junto. Agora ela acontece sempre no início de janeiro.

Mas vocês sabem se as coisas se perderam ao longo desses últimos 100, 200 anos nessas danças? Nessa comunidade vocês não preservam como em outras?

Maria Aparecida – Um pouco. Inclusive ficou uns seis, sete anos sem acontecer essa festa, e a gente precisou de ajuda para acontecer esse resgate. Aí houve um resgate para voltar a acontecer essa festa. O motivo foi que acabou ficando um esperando pelo outro, e aí em 2011 ou 2012, não tenho muita certeza, foi que houve esse resgate, e agora ela está acontecendo com bastante responsabilidade.

A senhora, dançava antigamente?

Maria Ribeiro – Quando eu era mais nova eu ia nas brincadeiras. Tinha casamento e a gente ia, dançava o Nove, Caboclo, e usava o forró também?

Sempre teve o forró?

Maria Ribeiro – É, sempre teve.

Com sanfona?

Maria Ribeiro – É, com sanfona.

Mesmo na infância da senhora era o forró?

Maria Ribeiro – Era forró e a gente dançava muito.

O senhor também, ou tinha alguma outra, catira não tinha aqui?

José Elias – Não tinha não, só forró.

O seu Zé estava contando a história dos ex-escravos, das lembranças dele. A senhora tem alguma lembrança também do que seus antepassados contavam sobre vocês serem descendentes de ex-escravos?

Maria Ribeiro – Eu lembro mais de quando minha mãe ficou viúva, penava muito, trabalhava fora, e nós mais ela ajudando. No mais, eu conto da vida daí pra cá, mais que isso eu não lembro não.

Vocês conheceram suas bisavós?

José Elias – Não.

Maria Ribeiro – A minha bisavó, por parte do meu avô, eu conheci; da parte da minha mãe não.

E a senhora lembra das histórias que ela contava.

Maria Ribeiro – Não, não contava nada. Minha avó era muito simples.

E ela era daqui também?

Maria Ribeiro – Era, era do Souza. E meu avô era daqui também.

José Elias – Nascido e criado aqui mesmo.

Quando você fala que as pessoas daqui têm esse autorreconhecimento como quilombolas, quais outras histórias você lembra em relação a isso, do que você ouviu aqui mesmo, memória que a gente pudesse registrar?

Maria Aparecida – Uma coisa que se perdeu aqui foi em relação ao artesanato, aqui tinha muito. Muitos artesanatos próprios da comunidade, com a fábrica de esteira. A mãe da Lia era uma artesã de barro, fazia panelas, bote, botijas de barro, levava para festas em outros municípios para vender, para subsistência. Tecia seus cobertores, as calças de algodão, que usava antigamente, as vestes eram totalmente diferentes da atual.

Uma coisa também que acabei lembrando, ouvindo eles falarem sobre a escravidão. Hoje em dia, mulher e homem trabalham, durante um dia de serviço, para um vizinho, e o mesmo valor que paga para a mulher paga para o homem. Antigamente, não. A mulher era obrigada a trabalhar dois dias para pagar um dia igual do homem. Então isso não deixa de ser uma escravidão diferente, mas é.

Sobre o direito de trabalhar fora, eu ouvi muito que as moças que iam para colheita do café, por exemplo, não eram moças confiáveis culturalmente. Eles achavam que porque viajou para fora perdia-se um pouco a cultura familiar. Hoje em dia isso é normal. É até comum que as moças hoje em dia larguem da escola para ir para a colheita do café, por necessidade. E antigamente tinha essa privação, por cultura.

O pessoal aqui vai muito para São Paulo?

Maria Aparecida – Muito, a migração aqui é fortíssima.

E sempre foi, aumentou, diminuiu?

Maria Aparecida – Aumentou. Sempre foi, mas aumentou muito. Que antes eram só os esposos, e hoje vai o esposo, esposa, filhos mais velhos. Tem muitas famílias que são obrigadas até a deixar crianças com outras famílias para viajar.

Quanto tempo eles ficam fora durante o ano?

Maria Aparecida – Quando vai para a colheita de café, tem ano que são três, quatro ou cinco meses, porque muitas vezes acha que o valor que ganhou lá é muito pouco para retornar e ficar o restante do período na região. Então termina a colheita numa fazenda e vão para outra. Mas varia muito, tem pessoas que acabam adoecendo lá e não ficam nem três meses, são diversas as histórias.

Mas, em geral, quanto vale a pena? Pergunto porque tem muitas histórias sobre a colheita de café e cana, de trabalho não remunerado de maneira adequada, de condições de trabalho muito ruins. Muitas vezes eles não podem nem sair por contraírem as dívidas de alimentação, de transporte, tudo isso. Essas pessoas vivem isso lá ou você não tem conhecimento?

Maria Aparecida – Tem, sim, alguns casos de descaso. Pelo que eu ouço contar, porque não é uma coisa vivida por mim, mas é de muito meu interesse e acabo perguntando para as pessoas... Muitas vezes se fecha contrato de como vai ser a maneira de trabalho, de pagamento etc, os responsáveis são chamados de “gato”. Então, é uma coisa ilegal, quem tem que responder como é a maneira de trabalhar, ou de receber, são os trabalhadores e não um responsável pelos trabalhadores. Eles assinam e depois, quando começam a trabalhar, não é do jeito esperado de quando saiu daqui.

Aqui tem escola? Até que série?

Maria Aparecida – Tem sim. Da pré-escola até a 4ª série.

E depois disso?

Maria Aparecida – Aí vai para uma comunidade vizinha, que é uma comunidade polo, Batieiro, que vai da 5ª série até o terceiro ano.

É próxima a comunidade de Batieiro daqui?

Maria Aparecida – Não é tão longe, mais ou menos uns 5 quilômetros.

E eles vão como?

Maria Aparecida – Varia. Alguns vão de carro, ultimamente a gente está com uma demanda de um grupo de 13 alunos que vão a pé. Eles vão a pé, porque a escola vai

cada vez mais crescendo o número de alunos, e precisa ter divisão de turma. Aí a turma que vai no turno da tarde tem o transporte escolar, mas a turma que vai pela manhã já não tem. Aí eles saem mais de uma hora antes do horário começar para chegar lá a tempo. Ou eles acabam perdendo o primeiro horário.

E com relação à comida que vocês tinham antigamente, pensando em bem antes, vocês mantêm alguma coisa?

José Elias – Tem algumas coisas que eu ainda faço, angu, abóbora.

Maria Aparecida – Toda comunidade faz.

José Elias – Faço canjiquinha, coloco osso de boi, de porco dentro.

Maria Aparecida – Bolo de fubá ainda tem as quitandeiras que fazem. Eu confirmo isso com toda clareza, porque nas épocas de festas, por exemplo, a gente ainda tem a cultura de fazer bastante biscoito caseiro e distribuir para os participantes da festa.

A senhora é filha de parteira.

Maria Ribeiro – Sim.

E a senhora é parteira também.

Maria Ribeiro – Não.

O que a senhora lembra da sua mãe, desses anos todos que ela foi parteira, a senhora pode contar um pouco para a gente?

Maria Ribeiro – Ela era doente, mas as pessoas chamavam e ela ia. Mas ela foi adoecendo, enfraquecendo.

Ela era a única parteira daqui.

Maria Ribeiro – No princípio era, depois tinha mais, que vinha de longe, mas sempre chamavam ela.

E ela ia para onde?

Maria Ribeiro – Aqui mesmo na comunidade, mas ia fora também.

Deve ter muita gente aqui que nasceu pelas mãos da sua mãe.

Maria Aparecida – A maioria. Os filhos da minha mãe mesmo. Minha mãe conta que todos os filhos dela foi a dona Rosa, a mãe da Lia, que recebeu. Tinha casos de mães que ficavam até três dias em trabalho de parto, mas acabava nascendo em casa.

Como é o nome dela todo?

Maria Ribeiro – Rosa Sirina.

Ela morreu com quantos anos?

Maria Ribeiro – Ela já tinha quase 70 anos.

E teve alguma parteira que ficou no lugar dela?

Maria Ribeiro – Tinha ficado, mas já morreu, era a Maria Inácia. Ainda tinha uma outra que também já morreu. Mas agora ninguém está usando isso mais.

Quando ela foi embora será que ela tinha noção de quantos partos ela tinha feito?

Maria Ribeiro – Acho que quase uns 40.

Maria Aparecida – Muito mais, muito mais.

Trinta anos, dá para nascer muita gente.

Maria Ribeiro – Eu mesmo tenho sete que foi ela que fez.

Maria Aparecida – O Lia, a senhora lembra dela contando que tinha noite que ela fazia três, quatro partos no dia. Isso foi eu ouvindo contar. Mas lembrei de uma vez que ela deu uma entrevista falando que a mãe dela falava que até atravessava rio no meio da noite. Tinha que ir avisando o que as famílias tinham que fazer com outro parto, até ela chegar. Então, já chegou acontecer de ela ficar uma noite inteira saindo de uma casa para outra fazendo parto.

A sua mãe era parteira e seu pai trabalhava em que?

Maria Ribeiro – Meu pai morreu eu estava com 7 anos. Mas trabalhou em lavoura.

O que vocês plantam ainda hoje aqui na região?

Maria Ribeiro – Aqui é milho, manioba, feijão, andu, cana.

E carne, que tipo de carne?

Maria Aparecida – Porco, frango.

Vocês comentaram do artesanato, da esteira, da calça, do cobertor, nada disso mais é feito?

Maria Aparecida – Não, não. O artesanato mais recente que teve aqui foi o artesanato de palha de milho. Os filhos dela, minha irmã mais velha. Inclusive tem uma professora que está trabalhando aqui, que foi uma das artesãs, ela deve ter muita história para contar. Eles trabalhavam durante o dia na lavoura, e de noite tecia, fazia tamburete para sentar, sacolas, porta jóias que ainda tem no município de Chapada do Norte, Gravatá. Ainda fazem. Mas aqui na comunidade ninguém aprendeu para dar continuidade. As pessoas que aprenderam casaram e mudaram para outras comunidades, ou outras cidades. Foi o último artesanato aqui. Outro artesanato forte aqui era o de couro de boi, as camas eram feitas de couro de boi trançado.

Do ponto de vista de direitos como povo quilombola, o que vocês têm batalhado para ter aqui na comunidade?

Maria Aparecida – Como assim, você fala para a comunidade adquirir?

Exato. A questão da terra aqui é tranquila?

Maria Aparecida – É tranquila até certo ponto, que não foi certificado ainda como quilombola, mas todas as famílias têm seu pedacinho de terra, sua morada própria, que foi herdado, uns compraram de outros. Mas em relação à terra dizem que já foi muito difícil, eu já ouvi muitas histórias de um proprietário invadir a propriedade do outro, às vezes esperar as famílias dormirem para abrir picada e cercar o pertence do outro. Mas isso foi há muitos anos, hoje em dia é tudo organizado. Muitos não têm ainda documento legal da terra, mas têm sua propriedade marcada.

E outras questões, quando vocês vão atrás de governo federal, prefeitura, governo estadual, que tipo de coisa que vocês pedem para cá e que não vem?

Maria Aparecida – Olha, são vários os direitos que hoje em dia a gente está mais organizado enquanto comunidade. Nós aprendemos a cobrar coletivamente. Um tempo atrás as pessoas se mexiam de modo individual. Hoje em dia nós nos reunimos. Como o caso do transporte escolar para os meninos. Há uma desigualdade muito grande. Tem mãe aqui que pode falar isso, que vê um filho tendo que ir andando para a escola, passando fome até, porque quando a aula termina, só depois de uma hora é que vai chegar em casa. Enquanto outro filho pega um transporte perto de casa e vai para a escola e volta.

Eu não estou vivendo isso no momento, mas logo logo pode acontecer de eu passar por isso. Não precisaríamos estar passando por essa situação. Por exemplo, nossas estradas, pelo número de famílias que temos, nós temos bastante deficientes, a gente nem pode usar esse termo, são os PNE, e aí essas pessoas não têm uma assistência adequada. São crianças que às vezes não caminham, e depois ficam pessoas isoladas.

Eu, como liderança, sofro com isso porque sei o direito que essas crianças têm, e não está sendo feito. Na área da saúde aqui tem um número grande de hipertensão, e são idosos, mas precisam pagar transporte para sair daqui e ir no polo, lá em Batieiro para fazer uma consulta, dando uma volta de quilômetros. Enquanto aqui é tão pertinho. Caso a estrada tivesse sendo mantida, organizada, eles poderiam pagar um valor menor, além de ir com mais rapidez. Ou até mesmo, uma coisa que já está com meio caminho andado, de uma vez por mês a gente ter atendimento médico.

Uma ou duas vezes no mês, estamos decidindo, alguns equipamentos já estão chegando. Nós conquistamos entre 2011 e 2012 um centro comunitário, um espaço bem organizado, mas só temos o espaço, não estamos utilizando porque não está acabado. Não tem energia, água, cadeiras. Então, um dos objetivos mais urgentes que temos é ampliar esse espaço. Porque esse espaço foi pensado para dar assistência aos PNEs, para as crianças que são dependentes e não estudam, eles não têm diversão.

Tem o artesanato, mas é preciso ver qual é o forte dessas crianças para elas desenvolverem e para se sentirem gente. E sobre a renda das mulheres dos migrantes,

que, por enquanto, não tem outro caminho. Essas mulheres não precisam ficar esperando o Bolsa Família, que, para nós, é muito útil, mas ao mesmo tempo é uma miséria. Nós não queremos ficar só no Bolsa Família. A maioria das mulheres aqui, ou quase todas, não tem outra renda a não ser da imigração, aposentadoria por idade ou Bolsa Família. A renda que gira a comunidade é essa.

As pessoas que ficam aqui vivem como?

Maria Aparecida – Aposentadoria, a renda do Bolsa Família, que veio a mudar a cara da comunidade e a imigração.

Mudou a cara da comunidade em que sentido?

Maria Aparecida – Que as pessoas passaram a se alimentar melhor. Antes de ter o Bolsa Família a gente colhia verdura lá na roça, abóbora, mandioca mansa, batata doce, e de um tempo para cá isso diminuiu muito, não acabou, mas diminuiu muito. Aí a gente imagina como seria a alimentação de outras pessoas que não têm outra renda.

Todo mundo que deveria receber recebe?

Maria Aparecida – Não, nem todo mundo. Aqui ainda tem umas três famílias que estão dentro do perfil para receber o Bolsa Família e ainda não acessou. Aqui tem família que quase passa fome.

E por que não acessou ainda?

Maria Aparecida – A gente não tem essa resposta. São perguntas que são feitas quase todos os dias, e é só sofrimento. Eu mesmo já pensei assim, porque eu mesma não tiro do que eu tenho para ajudar essa família, todo mês. Só que eu penso, tenho também os meus filhos, seria como desvestir um santo para vestir outro. São famílias que passam por muito sofrimento, por conta da situação financeira. Procuramos ajudar essas famílias da melhor maneira possível, mas tem coisas que não estão no alcance da gente.

E a qualidade da água aqui?

Maria Aparecida – É boa. Nós temos o poço artesiano, já conquistamos a cisterna de 16 mil litros, que é água de comer e beber. E algumas famílias já têm até água de produção, que é o sistema p1+2.

Cida, você tinha falado da festa de Nossa Senhora Aparecida, que é a mais importante, onde vocês dançam, cantam um pouco. Quando acontece essa festa aqui?

Maria Aparecida – Ultimamente está acontecendo em janeiro. Ano passado aconteceu dia 5 de janeiro. Esse ano aconteceu dia 4 de janeiro, por causa da migração. O povo está ficando cada vez mais tempo fora.

Como ela acontece, durante o dia, de noite?

Maria Aparecida – Ela começa no início da noite. A gente reza um terço na casa dos festeiros, depois do terço serve um lanche para as pessoas que foram no terço. Depois do terço tem a procissão que vem com a imagem de Nossa Senhora Aparecida para a comunidade, e levanta o mastro. Mas antes, durante esse percurso da casa do festeiro para a igreja, aí tem danças e os tamborzeiros, a gente vem cantando e dançando. Depois do levantamento do mastro tem a mesa de leilão, ou se tiver bingo e alguma outra coisa, para arrecadar renda para manter a igreja. E depois do leilão começa o forró e a festa continua, com comes, bebes e tudo.

Essa cantoria que vocês vão apresentar para gente é o quê?

Maria Aparecida – É uma cultura que a gente fala de “jogar verso”.

Isso é antigo também?

Maria Aparecida – Eu conheço desde a minha infância. Na escola isso era muito forte. Era muito separada a brincadeira de menino com a brincadeira de menina. A maior parte das meninas brincava de roda, tinha os refrões culturais, e cada um jogava o verso que queria. Mas isso é bem antigo.